

# RUMO AO INEXPLORADO

O TESOURO PERDIDO DA AMAZÔNIA

THIAGO CROFT

KIMERA 

A inspiração para escrever uma série de aventuras pulp, na qual Beatriz Andrade, a nossa destemida protagonista, vive incríveis aventuras no Brasil e pelo mundo a fora, veio da longa jornada por ser fã de filmes, séries e jogos como: Indiana Jones, Tomb Raider, Caçadora de Relíquias e Uncharted. Juro que não sabia como fazer algo autoral sem parecer ser uma fanfic. Mas, após muito tempo procrastinando, finalmente encontrei uma forma de ter os meus próprios caçadores de tesouros. Assim nasceu a saga RUMO AO INEXPLORADO... Essa é a minha história, espero que gostem.





A vintage-style map of South America, showing the continent's outline and major geographical features. The map is rendered in a monochromatic, sepia-toned style. Overlaid on the Amazon region is a dark, stylized dragon-like creature with a long, coiled tail and a head that resembles a dragon or a mythical beast. The creature is positioned as if it is emerging from or resting on the Amazon basin. The map includes labels for various geographical features such as 'ANTIC', 'CEARA ABYSSAL FLAIN', 'PERLAMBUGO ABYSSAL FLAIN', 'ARGENTINE BASIN', and 'RIO GRANDE BIGH'. The text 'SOUTH AMERICA' is prominently displayed on the left side of the map. The overall aesthetic is that of an old, historical document or a treasure map.

**THIAGO CROFT**

**RUMO AO  
INEXPLORADO**

**O TESOURO PERDIDO DA AMAZÔNIA**

**KIMERA** 

Rio de Janeiro • 2023

Texto 2023 © **Thiago Croft**

Edição 2023 © **Editora Kimera**

Produção Editorial | **Vanderlei Sadrack**

Preparação e Revisão de Texto | **Flor de Letras** (Claudia Gouvêa)

Projeto Gráfico | **ArtePlus**

Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990, em vigor no Brasil desde 1º de janeiro de 2009.

Ao comprar um livro, você remunera e reconhece o trabalho do autor e de muitos outros profissionais envolvidos na produção e comercialização das obras: editores, revisores, diagramadores, ilustradores, gráficos, divulgadores, distribuidores, livreiros, entre outros. Ajude-nos a combater a cópia ilegal! Ela gera desemprego, prejudica a difusão da cultura e encarece os livros que você compra.

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)**  
**(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)**

---

Croft, Thiago,

O tesouro perdido da Amazônia / Thiago Croft . - Niterói, RJ : Editora Kimera, 2023.

ISBN 978-85-68883-77-8

1. Amazônia - Literatura. I. Literatura brasileira. III. Título.

22-129825

CDD: 028.5

---

**Índices para catálogo sistemático:**

1. Amazônia : Literatura 028.5

2. Amazônia : Literatura brasileira 028.5

Cibele Maria Dias - Bibliotecária - CRB-8/9427

**KIMERA PUBLICAÇÕES**

Tel.: (21) 98358-9423

[www.editorakimera.com](http://www.editorakimera.com)

*“E os Deuses governaram de Akakor sobre os homens e sobre a Terra. Tinham navios mais rápidos que o voo das aves, que atingiam os pontos a que se destinavam sem velas e sem remos, tanto de dia como de noite. Eles tinham pedras mágicas por onde viam a distância, de modo que podiam ver cidades, rios, colinas e lagos. Tudo quanto acontecia na Terra e no Céu se refletia nessas pedras. As habitações subterrâneas, porém, eram as mais maravilhosas. E os Deuses deram-nas aos seus Servos Escolhidos como última dádiva. Para os Primitivos Mestres que são do mesmo sangue e têm o mesmo pai.”*

***A Crônica de Akakor***

Karl Brugger

*Em memória do meu avô Eduardo Lopes.*

## AGRADECIMENTOS

Adilson “Gaúcho” Weber

Fernanda Marostica Albertini

João Marcos Medina

Marcelo Buzon

Pedro Vieira

Victor de Paula Vieira

Esta é uma obra de ficção. Nomes, personagens, lugares e acontecimentos são ficcionais, por mais que se mesclam com realizações verídicas. Qualquer semelhança com pessoas reais, vivas ou não, é mera coincidência.





<b>PRÓLOGO</b> .....	10
----------------------	----

## **I - ONÇA**

1. Fogo cruzado .....	14
2. Martíni e Margarita .....	35
3. O segredo de Akakor .....	54
4. Uma descoberta fascinante .....	65
5. Velocidade máxima .....	78

## **II - HARPIA**

6. Manaus .....	93
7. Cruzeiro de luxo .....	117
8. Jantar de gala .....	127
9. Só segue o rio .....	137

### **III - TUCANDEIRA**

10. Prisioneira .....	147
11. Afluentes do Rio Negro .....	161
12. Desafio dos deuses .....	174
13. O caminho para El Dorado .....	196
14. Fim da linha .....	210

### **IV - ANACONDA**

15. O abismo .....	219
16. Akahim .....	242
17. A Grande Fraternidade Branca .....	259
18. Horror entre mundos .....	272
19. O tesouro perdido da Amazônia .....	285
20. A terceira catástrofe universal .....	296

<b>EPÍLOGO</b> .....	309
----------------------	-----



## **PRÓLOGO**

Praia de Ipanema, Rio de Janeiro, Brasil.  
3 de janeiro de 1984.

— **E**ntão, está tudo decidido — disse Karl Brugger, respeitado jornalista alemão em sua língua nativa enquanto terminava de jantar e brindava com o amigo, e também jornalista, Ulrich Encke, que o substituiria como correspondente no Brasil dali em diante.

— Sim, tudo certo — concordou Ulrich no mesmo idioma.

Os dois jantavam em um elegante restaurante de frente para a praia de Ipanema, próximo ao Arpoador. Após pagarem a conta, caminharam pela calçada da Av. Vieira Souto por três quarteirões conversando amenidades.

Ulrich não sabia, mas Karl estava empolgadíssimo, pois ele agora poderia se dedicar integralmente à expedição à Amazônia. Tiraria, de uma vez por todas, a conclusão de que precisava a respeito das mitológicas cidades que tanto

o fascinavam e que ele relatara em seu livro *A Crônica de Akakor*.

Até então, ele havia sofrido com duas expedições fracassadas, mas dessa vez ele teria uma nova e independente. Precisava descobrir se fora um tolo ou se essa história seria a maior de sua vida. Ainda havia toda aquela papelada nazista e pistas da visita de soldados da SS ao Brasil. Precisava, ainda assim, manter o foco; um problema de cada vez.

Ao chegarem à rua Vinícius de Moraes, tudo aconteceu muito rapidamente.

— Não se mexa! — Ouviram a voz de alguém próximo abordando-os em português. Viram um homem moreno e jovem, de vinte e poucos anos, com uma pistola na mão apontando para eles de forma trêmula. Como Karl era o único ali que falava português, tentou entender o que ocorria.

— Espere, o que está acontecendo? — Perguntou de maneira retórica, pois claramente se tratava de um assalto.

Karl e Ulrich buscavam nos bolsos dinheiro para entregar. Karl chegou a levantar as mãos em rendição, quando subitamente ouviram-se alguns disparos.

O atirador fugiu por entre os banhistas que voltavam da praia até um comparsa que o aguardava em uma moto. Eles partiram em velocidade e nunca mais foram vistos.

— O que aconteceu? — Novamente perguntou Karl, dessa vez em alemão, ao seu conterrâneo. Ulrich, ainda atordoado, apenas retornou a si quando viu Karl caindo sangrando.

— Socorro! — Ulrich gritou por ajuda em inglês.

Moradores próximos acionaram a polícia e um porteiro chamou um táxi. O taxista, no entanto, não quis levar o ferido e Ulrich teve que seguir sozinho, voltando com uma ambulância minutos depois. Infelizmente, porém, Karl não resistiu aos ferimentos no coração e morreu a caminho do hospital.

No dia seguinte, a embaixada alemã disse a Ulrich que não poderia protegê-lo mais e o aconselhou a deixar o país. O jornalista partiu sem nada compreender daquilo: o assalto que não roubou nada; os disparos certos em pontos vitais, dignos de um assassino profissional, e todo o mistério de sua embaixada. Soube, inclusive, que todos os documentos e pesquisas de Karl foram recolhidos em seu apartamento do Rio de Janeiro e levados para a Alemanha. Ulrich só sabia de uma coisa: nunca mais voltaria ao Brasil.

Mesmo após tantos anos, o caso foi arquivado e nunca solucionado.



I

Onça





# **FOGO CRUZADO**

D<sub>or</sub>.

Dor e escuridão.

Dor, muita dor.

— Onde diabos eu estou?

Com dificuldade e desorientada, Beatriz Andrade então acordou.

Ela segurava o abdômen, que não parava de sangrar, com uma das mãos enquanto na outra tinha uma pistola 9 mm.

— Mas que merda...

O ferimento no abdômen era grave, a bala atravessara o seu corpo e Bia esperava que não tivesse acertado algum órgão. Ela provavelmente, ou melhor, tinha certeza de que havia algumas costelas quebradas; além, é claro, de luxações e escoriações por todo o corpo. Principalmente na cabeça, que não parava de rodar e tinha uma dor dos infernos.

— Meu reino por um analgésico.

Aos poucos, a vista voltou a focar e Bia percebeu que estava estirada sobre muitas pedras irregulares dentro de um buraco natural profundo e sem qualquer tipo de equipamento de escalada ou escada. Talvez uma pequena caverna seguisse entre as pedras pelo chão. Parecia estar em um poço, ou melhor, um fosso, com alguma vegetação ao redor e mata na superfície, onde podia ver um pouco do céu nublado a uma altura de um edifício de dez andares. Pelos sinais de raízes e galhos partidos ao longo e também caídos próximos a si, deduziu que havia se pendurado neles, não lembrava se como apoio para escalada ao descer ou se para reduzir o tombo ao cair. Estava tudo bastante nebuloso.

*Maldita dor de cabeça!*

Qualquer que fosse o motivo de estar ali, precisava dar um jeito de sair o quanto antes, pois de uma coisa ela sabia: era um local propício para cobras e aranhas.

*Merda, eu odeio aranhas.*

Como se o destino lhe pregasse uma peça, ao tentar se levantar, Bia levou um tombo, talvez outro tombo pela atual situação. A perna fraquejou, sentiu uma dor aguda na lateral do corpo e, para piorar, uma grande aranha peluda caiu em seu braço. Bia soltou um grito e, enquanto balançava o braço, rolou entre as pedras. As fisgadas das costelas quebradas competiam com a dor de cabeça e com o desespero.

Bia Andrade desmaiou com tanta dor e estresse e, acima de tudo, era aracnofóbica.

## Cidade de Copacabana, Bolívia.

23 de novembro de 2005.

O sol estava no zênite brilhando forte e dourado; o céu, azul com nuvens baixas que começavam a nublar. Extremamente abafado, choveria muito em breve. Por enquanto fazia calor, muito calor, e Bia Andrade dirigia um jipe Wrangler alugado sem ar-condicionado. Estava “suando em bicas”, como diz o ditado popular. Os óculos escuros lhe protegiam os olhos castanhos cor de avelã; tinha a pele no mesmo tom, ou “cor de canela”, como seu amigo Giggio gostava de dizer; o cabelo castanho escuro estava atado em um rabo de cavalo alto. Vestia jeans lavado e regata esporte; no lugar do carona estava a sua mochila impermeável com um cantil de um lado e o binóculo do outro. Em seu braço, um relógio com bússola, e, nos pés, botinas pretas de canos curtos.

Dirigia com os olhos ardendo à base de energéticos pelas noites mal dormidas e comendo salgadinhos de sabores artificiais baratos de posto de gasolina; de vez em quando comia algumas humintas — a pamonha boliviana —, tanto as doces quanto as salgadas. No chão do carro havia latas amassadas e garrafas d’água vazias.

*Preciso urgentemente dar um jeito nesse lixo.*

Bia havia sido contratada pelo governo boliviano para recuperar não apenas um artefato antigo, mas também um ícone religioso: a imagem da Virgem da Candelária, que, de acordo com as lendas, surgiu na caverna de Chiru Chiru, o apelido de Anselmo Belarmino. Os locais contam que ele foi um Robin Hood boliviano que ajudava os pobres, mas que,

ao ser descoberto e confrontado, acabou ferido e fugiu. Quando encontrado, no lugar de seu corpo moribundo estava a estátua da santa. Nossa Senhora da Candelária é a padroeira da Bolívia e comemora-se tanto no dia 2 quanto no dia 6 de agosto o Dia da Independência da Bolívia. O festejo mescla elementos incas com cristãos, tendo cultos ao Sol e à Lua.

Iniciou o rastreio desde a cidade de Copacabana às margens do Lago Titicaca conversando com o clero e, em seguida, pela cidade. Lembrou-se do seu apartamento na rua Barata Ribeiro, em Copacabana, no Rio de Janeiro, enquanto perambulava pelo local, mas não teve tempo para comprar suvenires, pois não estava a passeio. Apenas o visto era de turista; estava a trabalho e, com isso, Bia atravessou o país durante dias na cola do comboio dos saqueadores até o seu covil na fronteira com o Brasil. Primeiramente ela pensou que eles utilizariam as fronteiras em San Matias ou Puerto Suárez, mas ambas eram muito bem guardadas por forças militares; teve que se desdobrar para conseguir manter a perseguição. Afinal, os saqueadores alugaram um barco que seguiu com os quatro veículos deles e Bia precisou pagar uma quantia exorbitante para conseguir o mesmo e manter o ritmo de perseguição horas atrás deles.

A viagem era lenta e seguia tanto durante o dia quanto à noite, às vezes parando para o pernoite em trechos mais perigosos, conforme explicou o seu guia. Tentou algumas vezes recuperar a imagem da santa, mas eles estavam em maior número e armados até os dentes com rifles, metralhadoras e explosivos.

Navegaram por dias até as proximidades de Puerto Gonzalo, onde chegaram ao anoitecer. O barco em que Bia



vinha desligou os motores. A moça agradeceu e pagou a outra metade, conforme combinado. Saiu com o seu jipe e ficou à espreita com seu binóculo, tentando se aproximar lentamente.

O local onde eles foram parecia uma pista de pouso clandestina, mas sem sinal de avião, o que fez Bia agradecer aos deuses incas. Ela só precisava de uma brecha para roubar a imagem e buscar uma forma de sair dali, afinal estava exatamente no meio do nada, sem sinal telefônico, com combustível limitado e contava com a última garrafinha d'água e humintas na mochila. Não poderia se dar ao luxo de se perder. O aparelho GPS mostrava que a menos de 3 km a leste ficavam a fronteira do Brasil e um posto militar que também tinha uma pista de pouso próxima. A partir dele, uma estrada seguia por alguns quilômetros até um porto no Rio Paraguai e outra pista de pouso. Essas eram as suas opções. O que poderia dar errado?

Deixou o jipe afastado e seguiu a pé usando apenas a luz do luar e as estrelas como guias. Tinha a lanterna e o restante dos equipamentos na mochila, mas preferiu não usar. Calmamente foi testando o terreno, com muita lama e alagadiço; o trajeto foi demorado e incômodo, com uma quantidade insuportável de insetos lhe picando a pele.

*Eu devia ter comprado mais repelente do que salgadinhos e refrigerantes.*

Era uma pequena vila com uma dúzia de casas, galpões e contêineres, provavelmente utilizada como posto avançado por contrabandistas. Eles se reuniam numa espécie de bar, onde comiam, bebiam e aproveitavam os prazeres locais. Era a sua chance. Esgueirou-se pelas

sombras até a picape deles junto aos demais veículos, algumas motos e outros dois carros que já estavam ali antes. Ao fundo era possível ouvir música e conversa alta. Um dos saqueadores montava guarda enquanto fumava. Bia pegou uma pedra pesada e deu uma potente pancada na cabeça dele, que despencou. Ela o arrastou para o mato.

Ouviu-se um som de movimento na carroceria da picape, a lona que a cobria se sacudiu. O coração de Bia foi à boca ao mesmo tempo em que uma raiva lhe sobreveio à mente ao imaginar que, além de imagens sacras, eles também poderiam estar traficando pessoas ou animais.

Bia Andrade abriu a carroceria e suspendeu a lona para, então, revelar a imagem da santa enrolada em plástico bolha e, ao lado dela, um filhote de onça acorrentado com uma bacia seca caída ao seu lado.



Beatriz acordou no fosso com a caranguejeira sobre o peito, que parecia encará-la de volta com seus múltiplos olhos de forma curiosa. Muito ofegante, Bia buscou manter a calma, listando as espécies de aracnídeos tropicais mentalmente. Pelo tamanho e pelagem castanha, tratava-se de uma *Avicularia metallica*, a tarântula de botas. Não era venenosa, embora seus pelos pudessem causar irritação.

— Vem com a tia, isso — ela falava com a tarântula enquanto buscava um galho para tirá-la de cima de si. — Isso, vai... segue com a sua vida. Você nem gosta de cavernas, sobe e volta para as arvorezinhas, isso... boa garota — a aranha trepou no galho que ela utilizou e se deixou conduzir até as raízes na parede do fosso. Não demorou e se afastou para o alto.

Bia respirou aliviada.

*Eu deveria ter trazido fralda geriátrica no lugar de absorventes.*

Riu de nervoso e então voltou a se preocupar com o ferimento e a tentar lembrar o que fazia deitada naquele buraco no meio do nada. Temeu chamar por ajuda e ser encontrada por quem ela não gostaria, afinal havia levado um tiro e tinha uma pistola com apenas metade da munição, ou seja, confrontara alguém. Mas quem?

Amnésia recente era um claro sinal de batida na cabeça.

Havia algumas formigas seguindo uma trilha reta entre as rochas próximo de onde Bia estava e ela sentia um cheiro característico vindo da entrada das cavernas: fezes de morcego. A superfície estava a pelo menos trinta metros acima e, sem uma corda e equipamentos de escalada, ela dificilmente conseguiria subir por estar ferida. Em seu estado pleno o faria, mas, da forma como estava, era um convite para uma queda e temia não serem apenas algumas costelas quebradas.

*Já bati a cabeça uma vez, a segunda pode ser fatal.*



O filhote de onça tinha as patas queimadas. Os idiotas haviam feito algum tipo de curativo improvisado digno de um açougueiro. Assustadiço e encoleirado, o animal nada fez além de se encolher no fundo da caçamba da picape. Provavelmente a capturaram na última das grandes queimadas do Pantanal, comuns nessa época, e a deste ano foi gigantesca.

— É, garota, parece que você vem comigo — sussurrou

Bia abrindo a mochila e pegando a última garrafa d'água. — No seu estado, não dura um dia na mata — derramou então a água para o felino, bebendo ela própria o restinho que sobrou no fundo da garrafa.

Tratou de cobrir a lona novamente e fechou a carroceria. Foi então averiguar se o idiota ainda estava desmaiado e se alguém tinha vindo conferir a situação. Tudo limpo, colocou em prática o plano mirabolante que traçou nos últimos segundos, enquanto dava de beber à onça.

Nos outros três carros, usou uma mangueirinha para puxar o combustível e deixou vazando; já com o galão reserva de um deles, traçou um pavio líquido no chão para, então, acendê-lo com o isqueiro do saqueador desmaiado.

Aproveitando-se do som dos estouros dos automóveis, Bia acelerou a picape para longe, derrapando em um monte de lama numa área completamente alagada à sua frente.

Ouviu-se então um: PENDEJO! Ao descobrirem o vigia desmaiado e o som de motores, logo ocorreram disparos e motos começaram a perseguir a picape.

— Droga, droga, droga! Por que eu não explodi as motos também?

— Se segura aí, garota — parecia que falar com a onça lhe ajudava a manter a concentração.

Quase entraram na água; se não fosse pela lama, precisaria abandonar a picape e teria sido alcançada pelos perseguidores motoqueiros. Bia engatou a marcha à ré e desfez o jogo ao acelerar pelo terreno alagadiço. A picape 4x4 tinha uma potência absurda e foi capaz de passar pelo terreno enlameado.

Os tiros continuavam. Um deles acertou bem no

retrovisor que Bia usava para se assegurar da distância entre eles, que, inclusive, estava diminuindo. As motos conseguiam buscar caminhos secos mais facilmente, desviar de áreas alagadas, além de saltar por barrancos, ganhando terreno e se aproximando.

Subitamente a noite virou dia, com o mato sendo iluminado por diversos focos de incêndio. Os motoqueiros disparavam sinalizadores contra o chão e o fogo se alastrava rapidamente pelo pântano. Aves e pequenos animais fugiam desesperados da queimada, enquanto Bia dava o seu melhor dirigindo entre a água e o fogo e tentava despistar os perseguidores, ao mesmo tempo em que desviava dos diversos disparos. Rezava para que a estátua da santa não tivesse sido alvejada, senão estaria aos frangalhos.

— Merda! — Resmungou Bia. — Oncinha, estamos duplamente sob fogo cruzado! Precisamos despistá-los.

A perseguição continuou entre o rio, a lama e o fogo no máximo de velocidade possível nessas condições. A fumaça começava a fazer os olhos de Bia arderem enquanto lacrimejavam, criando-lhe dificuldade para enxergar. Subitamente ela perdeu o controle da direção e, quando conseguiu enxergar novamente, não houve tempo para girar o volante. A roda engatou numa vala e a picape girou para a lateral em um tranco, capotando de lado, inutilizando a porta do motorista.

Bia temia apenas pelo filhote de onça e pela estátua.

O ronco dos motores indicava que as motos se aproximavam. Pelo retrovisor central, Bia viu quatro motos, cada uma com dois contrabandistas, todos muito bem armados



com rifles de assalto e pistolas. O fogo se espalhava nos arredores junto a muita fumaça. A estátua e a onça haviam tombado com a picape e caíram na lama ao lado. O filhote esganiçava preso pelo pescoço na corrente. Algumas antas e capivaras se esforçavam para escapar das chamas, chafurdando na lama em busca de proteção até a água.

— *Hija de puta!* — Um deles, já desmontado, apontava a arma para a picape enquanto xingava Bia.

Outros dois foram até a carga, mas nenhum foi capaz de soltar a coitada da onça que sufocava, apenas conferiram se a estátua estava intacta. Os demais começaram a circundar o veículo capotado de forma que Bia não tivesse escapatória. De onde estavam, não tinham ângulo para acertá-la.

— *La puta madre!* — Exclamou o que estava com a santa. — *Está entera, matarla!*

Enquanto esse se afastava com a estátua embaixo do braço, o outro finalmente seguia para soltar a onça, que já pouco se debatia, fraca e sufocada. Ouviu-se, então, um assovio seguido de outro. Bia não entendeu por que eles estavam assoviando, mas ouviu novamente e percebeu que não eram eles, pois viera de longe. Arriscou-se a olhar. Os saqueadores também estavam surpresos olhando ao redor. O fogo e a fumaça atrapalhavam ver qualquer coisa, além da noite já não tão clara, pois a lua estava encoberta por nuvens.

Com um silvo o primeiro caiu, seguido do segundo, do terceiro, do quarto... O que estava com a santa nos braços chegou a montar na garupa da moto e o companheiro acelerou.

— *Carajo!* — Bradou ele. — Vamos! Vamos!

A moto acelerou e disparou, sumindo na escuridão, mas seguiu sozinha, pois outros silvos derrubaram ambos. E novamente a estátua da santa rolou pelo chão.

Quando Bia conseguiu sair do carro, rapidamente ergueu as mãos em sinal de rendição. Diante dela estava uma cena espetacular: não pela visão da madrugada no Pantanal com a lua levemente encoberta iluminando a noite obscurecida pela fumaça e a triste queimada se espalhando pela mata, mas, sim, por um grupo de índios guatós que foram considerados extintos pela Funai (Fundação Nacional dos Índios) em 1950, tendo desaparecido do mapa, esquecidos e sendo reconhecidos oficialmente de novo somente em 2003. Três homens e três mulheres de pele vermelha vestindo apenas tangas feitas de aguapé dourado trançado, vegetação típica da região, estavam armados com arcos e flechas. Um deles trazia um macaquinho sobre os ombros. Alguns tinham pinturas ao redor dos olhos, do queixo e das bochechas.

Fora da picape, Bia conseguiu ver os disparos perfeitos das flechas; todas acertaram as pernas e as mãos com armas dos contrabandistas, que agora urravam de dor sofrendo na lama. Os dois que tentaram fugir na moto tiveram um destino pior: um tiro certo na cabeça e o outro, no coração.

“Uau, que pontaria!”, pensou Bia.

— Não disparem — arriscou ela, tentando lembrar algumas palavras em guató, uma língua isolada falada por um punhado de nativos que há pouco estavam extintos.  
— *Midá mapoegã* (mulher conversa). — Beatriz Andrade

— disse apontando para si mesma.

Os índios não dispararam, mas mantiveram as flechas nas cordas retesadas dos arcos enquanto a observavam com curiosidade. Uma índia se adiantou até a onça e, numa sinergia incrível, pareceu se entender com o animal, acalmando-o. A outra, junto de um dos índios, usando cumbucas que Bia viu pegarem em canoas próximas, colhia água da Corixa Grande e tentava apagar as chamas próximas.

— *Infâni matá* (está ruim fogo) — mais uma vez arriscou Bia.

— *Na ivé* (vai chover) — pela primeira vez lhe responderam, para sua sorte usando palavras simples que conseguia compreender. Ao olhar para o céu, viu que, de fato, as nuvens se avolumavam. A lua agora estava totalmente encoberta e, além disso, havia chovido bastante nas últimas noites em que passara na Bolívia.

Falaram algo que Beatriz não conseguiu compreender, exceto pela palavra *mapago* “onça”; então imaginou que falavam do filhote. Não sabendo como explicar, arriscou falar em português mesmo no velho modo “Tarzan-Jane” e, misturando com palavras de que se lembrava:

— Eu resgatar estátua roubada — apontou para a imagem embalada aparente e milagrosamente ainda intacta. — *Machiue* roubou estátua e *mapago*, eu, Bia, resgatei.

Os guatós olhavam sem nada compreender além de “gente” e “onça”. Os que tentavam apagar o fogo voltaram a se reagrupar e falaram algo que era “muito fogo” e sobre “canoa” e a “corixa”.

— *Quiragotê corixa* (vamos passar a corixa) — o que tentou falar com Bia voltou a falar com ela e indicou a canoa. Bia fez sinal de positivo com a cabeça e arriscou caminhar até a estátua. Não fizeram objeção.

Ela então abraçou a estátua e seguiu com eles para as canoas levando a imagem sacra.

Navegando em três canoas, os condutores iam em pé remando com equilíbrio perfeito. O fogo, a fumaça e os contrabandistas feridos ficaram para trás junto com os veículos. A onça seguia na canoa adjacente e parecia mais calma.

Conforme avançavam pelo rio, a luz do incêndio ia desaparecendo. Bia viu que a família de capivaras e o casal de antas que buscaram refúgio na corixa estavam bem. Mais à frente, luz elétrica surgia, revelando prédios baixos e telhados, e Bia conseguiu ver o tremeluzir da bandeira brasileira em um mastro no ponto mais elevado. Respirou fundo, voltava para casa.

Foram recebidos por uma dúzia de soldados da fronteira e um intérprete local que estava com eles traduziu tudo ao oficial responsável. Enquanto Bia desembarcava com os guatós, uma lancha saía com soldados armados para averiguar a situação, ao passo que contatos por rádio eram feitos com a polícia brasileira e com o governo boliviano para que se procedesse à prisão dos bandidos. Próximo dali, na escuridão, era possível avistar os olhares brilhantes dos jacarés curiosos que observavam aquela movimentação noturna em seu território.

— *Dequiajão!* (Até a volta!) — Bia arriscou dizer aos guatós quando eles seguiram em suas canoas de retorno à tribo na Ilha Ínsua, local que foi conquistado a duras penas

há cerca de vinte anos, com seu idealizador tendo sido assassinado de forma bárbara e cruel por quem era contra a reserva indígena.

O filhote de onça foi levado para a enfermaria, onde receberia cuidados veterinários. Um médico militar simpático veio até Bia checar se a moça precisava de cuidados.

— Não está ferida? — Perguntou ele, mas Bia apenas balançou a cabeça negativamente.

Ao apresentar a sua documentação brasileira e contatos prévios com o governo boliviano, Bia Andrade comprovou a sua história e sobre a estátua da santa. Algumas horas de depoimentos e relatórios e pronto. Dever cumprido, poderia tirar as botinas e descansar as pernas. Afinal, ela estava moída.

— Vocês, por um acaso, não teriam chuveiro quente, teriam? — Perguntou Bia já imaginando a resposta negativa pela cara que os soldados fizeram.

Lembrando-se dos acontecimentos na Bolívia e da gorda recompensa pela recuperação da Virgem da Candelária, Bia seguiu em um helicóptero militar, do posto fronteiro até Campo Grande e, de lá, num voo doméstico para o Rio de Janeiro.



*Vamos, Beatriz, você precisa se lembrar do que houve.*  
— pensou a moça.

Passou a olhar a mochila em busca de um *kit* de primeiros socorros para estancar o ferimento enquanto pensava em uma forma de sair dali ou como havia parado ali. Enquanto

fuçava, um papel enrolado deslizou para fora da bolsa. Arrependeu-se ao se esticar para pegá-lo, pois tudo doeu.

— Mas que merda...

Abriu devagar o rolo e viu se tratar do extremo norte da Amazônia; reconheceu a fronteira com a Venezuela, na qual estava demarcada uma área próxima ao Parque Estadual da Serra do Araçá assinalada a caneta com letras garrafais: AKAHIM. Estavam também demarcados os rios Araçá e Padauri com setas delimitando todo o leito rios acima.

— Espera! Akahim? A cidade mitológica como a Akakor, a possível El Dorado?

E mais uma vez, talvez pela emoção da surpresa ou pela perda de sangue por ter sido malsucedida em estancar o ferimento, Beatriz desmaiou.

## Los Angeles, Califórnia, EUA.

12 de agosto de 1984.

A jovem Beatriz, aos 13 anos de idade, perturbou tanto os pais, que eles autorizaram que fosse, com Giovanni de Luca, um grande amigo da família, assistir aos jogos olímpicos da Califórnia nos Estados Unidos. Bia treinava intensamente na escola e também fora dela para que pudesse competir nas próximas Olimpíadas em Seul, na Coreia do Sul. O esporte era a sua válvula de escape. Considerada uma criança superdotada que aprendera a ler sozinha e a reconhecer 240 países e suas bandeiras aos 3

anos, a escola nunca fora uma dificuldade. Aos 7 anos já falava quatro idiomas. Além disso, Bia gostava de se pôr à prova.

Giggio, como Bia e os amigos próximos o chamavam, estava na crise dos trinta, pois, no ano seguinte, alcançaria a famigerada marca. Suas malas para duas semanas poderiam muito bem ser para um mês, e não apenas pela quantidade de roupas e calçados, mas também pelos produtos estéticos para pele e cabelo. Não vivia sem o seu creme antirrugas.

Veterano do Vietnã, onde serviu de 1973 a 1975 como fuzileiro, Giovanni gostava de passar o tempo livre farreando com pessoas da alta sociedade. Boa comida, bebidas e jogos. Gabava-se de conhecer as pessoas mais influentes em qualquer lugar que fosse. Sempre muito bem barbeado, cabelo castanho claro, quase loiro, à moda militar, vestia cortes exclusivos de alta alfaiataria como Gucci e Armani.

— Eu não acredito que você veio todo chique assistir aos jogos, Giggio — brincou Beatriz durante a estadia.

— E você queria o quê? Que eu viesse com esse pijama que você usa? — Rebateu ele. — É doloroso estar chegando aos trinta, pelo menos para mim, me visto bem.

— Nossa, Giggio, nem quero ver como vai ser quando você estiver se afastando dos trinta... — caçoou ela.

Os dois deram boas gargalhadas. Após duas semanas assistindo a diversas competições, chegou o dia do encerramento. Bia vibrava com cada momento, Giggio gostava, mas não com a mesma empolgação que a garota. Ele muitas vezes focava mais nos atletas do que nas

modalidades ou no jogo em si. Bia acreditava que ele havia concordado em ir às olimpíadas só porque tinha algum caso com alguém, o que, após muita insistência, no hotel ele acabou revelando que, sim, havia uma história antiga e mal acabada desde o Vietnã e que precisava pôr um fim com uma última noite.

— E a história mal acabada do Vietnã, Giggio? — Perguntou Bia, brincalhona, durante o almoço no hotel daquele dia, algumas horas antes do encerramento das Olimpíadas.

— O que tem? — Ele se fez de desentendido, mexendo com a comida no prato.

— Pôs fim? — Insistiu Beatriz bebericando o refrigerante.

— Ih, Bia, deixa disso — desconversou ele. — Vamos, acabar logo de comer para irmos para a cerimônia de encerramento.

Não precisou falar duas vezes e a garota logo se esqueceu do assunto, para alívio do rapaz. Foram noites prazerosas com Phillip, mas tinha que acabar e finalmente teve um ponto final.

— Agora, vida que segue — concluiu ele.

Um jovem garçom se aproximou e falou-lhes em inglês:

— Mr. de Luca?

— Sim, culpado. Pode me levar... — disse ele flertando com o garçom, também em inglês.

— Um telefonema do Brasil — muito polido, o garçom continuou. — Disse ser urgente.

Bia olhou curiosa, entendia inglês perfeitamente bem.



Já havia acabado de comer, mas Giovanni largou a comida, apenas virando a bebida, e foi até o balcão com Bia o acompanhando.

Ao pegar o telefone, ele se identificou e ouviu. Bia olhava para ele aguardando para saber do que se tratava. De repente os olhos dele ficaram vermelhos e se encheram de lágrimas. Bia, confusa, perguntou:

— O que houve, Giggio?

— Está bem, estamos indo — ele disse, fungando, e então desligou o telefone.

— Indo para onde? — Novamente ela perguntou.

Giggio pegou Bia pela mão e a levou até uma mesa próxima. Sentaram-se lado a lado. Giovanni, muito aturdido, sem saber como falar, olhou para a menina.

— Giggio, me fala o que aconteceu — pediu ela nervosa, mas se contendo.

— Bia, os seus pais... — ao ouvir o amigo dando a notícia, a garota sentiu os lábios tremerem e o rubor subir à face. — Eles... parece que eles, foi um acidente durante o fogo cruzado, algo sobre subversivos. Eles morreram, Bia.

O mundo de Beatriz Andrade se desfez naquele momento. Todos os sonhos de competições, treinos, cerimônia de encerramento e planos para Seul se desintegraram. Tudo foi pelos ares e começou um corre-corre para adiantar as passagens e o retorno para o Brasil, enfrentar cerca de trinta horas de voo e, então, participar de um funeral de caixões fechados.

O Brasil ainda enfrentaria mais um ano de ditadura militar após aquele com pessoas desaparecendo, mortes sem explicação e mistérios nunca solucionados. Bia, no

entanto, não conseguia acreditar que os pais haviam sido vítimas de um acidente, tinha plena certeza de que haviam sido executados, ou, ainda, sido queima de arquivo. Sabiam de alguma coisa.

— Por que acha isso, Beatriz? — Perguntou Giovanni ao deixar a menina em casa.

— Quando cheguei em casa, o local havia sido revirado — disse ela. — Não deixaram bagunçado, mas eu sei porque lembro exatamente como estava tudo antes.

— Bia, estivemos mais de duas semanas nos Estados Unidos — Giovanni tentou induzi-la a pensar por outro ângulo, um viés menos conspiratório. — Pode ser que Vilma e Luis tenham arrumado.

— Não, Giovanni! — Ela dificilmente o chamava pelo nome. — Eu sei, minha memória é boa para detalhes; além do mais, meus pais eram metódicos e não mudavam as coisas de lugar. Uma médica e um advogado, você os conhecia, Giggio, sabe como eles eram. Vi pequenas mudanças de quem está procurando por algo e recolocou no lugar às pressas, sem saber onde ficava exatamente cada coisa, entende?

— Entendo... bom, digamos que seja isso — Giovanni tentava entender o raciocínio da garota. — O que pretende fazer? Você só tem 13 anos, pessoas somem. Olha, eu sou militar, mas não concordo com o que está acontecendo no país. Vou tentar conversar com algumas pessoas, você... vê se não faz besteira, tá me ouvindo?

— Tá bom, Giggio — ela forçou um sorriso. Em momento algum chorou na frente de alguém, apenas o fez sozinha durante o banho ou antes de dormir.

## Sítio Arqueológico Jacó Sá, Acre, Brasil. 08 de dezembro de 2005, tempo presente.

Aos 17 anos, Beatriz Andrade formou-se em Arqueologia e Museologia com nota máxima em ambas as graduações – talvez empolgada com os filmes de Steven Spielberg *Indiana Jones e Os Caçadores da Arca Perdida*, de 1981, e *Indiana Jones e O Templo da Perdição*, de 1984, somados à sua então vida com Giovanni de Luca, que, após dar baixa no Exército, passou a ser crítico de arte... Na verdade, negociava obras de arte com figurões, avaliando falsificações e intermediando contrabando. Viajou para diversos lugares do mundo e conhecia pessoas influentes, então foi só um empurrãozinho para ser o melhor no que fazia. Beatriz via no amigo um Indiana Jones às avessas e queria, ela própria, tornar-se também uma caçadora de tesouros mundo afora. Largou a vida de competições, mas nunca abandonou completamente o atletismo, praticando diversas atividades físicas como triatlo, escalada, além de aulas de tiro e defesa corporal. Afinal, era a sua válvula de escape.

Depois de formada, realizou diversos trabalhos importantes no mundo acadêmico e em campo, tendo atuado em sítios arqueológicos no Brasil e no mundo. Naquela época, trabalhava em um recém-formado sítio a 50 km de Rio Branco, no Acre. A equipe foi contratada pelo linguista André Martins para desvendar um enorme geoglifo descoberto recentemente. Ele próprio, um catedrático em sua área e especialista em cultura pré-colombiana, era capaz de decifrar dúzias de línguas.

Bia vestia *short*, camisa e também um chapéu devido ao forte sol, além das suas inseparáveis botinas. Olhava alguns documentos e registros da equipe de campo quando André foi falar com ela.

— Alguma conclusão? — Perguntou ele com sua voz rouca.

André tinha pele ébano, cabelo à máquina baixinho e olhos tão escuros quanto duas azeitonas pretas. De porte magro, era mais de escritório do que de campo, mas gostava de atuar junto às equipes de pesquisa. Alérgico a insetos, estava sempre exalando repelente e usava um chapéu-panamá com um mosquiteiro a cobrir o rosto. Ele vestia a roupa clichê cáqui de arqueólogo.

— Nada substancial — responde Beatriz. — Pareceu-me que...

O celular de Bia tocou.

— Telefone durante o trabalho não é permitido, Beatriz — disse André sério, mas em tom de brincadeira.

— Me demite — ela piscou para ele, atendendo o telefone enquanto caminhava para fora da tenda. — Oi, Giggio, como vai? Bolívia? Você está desatualizado, já tem duas semanas que voltei. Tô no Acre — ela parou alguns instantes e gargalhou com a resposta do amigo. — Existe, existe sim. Ou então eu tô em algum bolsão espacial fora do mapa. É, sim, o André, ele tá aqui me chamando a atenção por falar contigo, mas me fala, qual a urgência?

O semblante da arqueóloga mudou drasticamente; antes risonha e descontraída, tornou-se séria e atenta.

— Certo. Tô indo, vou pegar o próximo voo para o Rio.

Para acompanhar as novidades sobre esta saga, e outras obras do autor Thiago Croft e da Editora, basta seguir nossas redes sociais:



@thiagocroftescritor



@thiagocroftescritor



@editorakimera



@editorakimera

Para ainda mais conteúdo, incluindo resenhas de outras obras do autor, acesse direto o site através do QR code abaixo.



Kimera Publicações  
Tel.: (21) 98358-9423  
[www.editorakimera.com](http://www.editorakimera.com)



Foto: acervo pessoal do autor

## THIAGO CROFT

Nascido no município de Paracambi, no interior do estado do Rio de Janeiro, é formado em jornalismo pela Universidade Estácio de Sá (UNESA). cursou Roteiro para Cinema na PUC-Rio e também Roteiro para Histórias em Quadrinhos na UNESA. Escritor e pesquisador da cultura pop mundial, possui em seu acervo uma pequena coleção de livros de renomados autores. Publicou alguns contos em antologias antes de estreitar profissionalmente como autor na literatura com o livro *Vlad, Sangue e Fúria* (2017). Lançou sua segunda obra na 18ª edição da Bienal Internacional do Livro, a novela literária *Axella, o Diário da Vampira* (2018). O autor também publicou, em coautoria com Marconi “Kbessa” Costa, o Guia Básico do RPG *Arcânia – Terra Plana* (2019). Algum tempo depois retornou ao gênero vampiresco que ama de paixão com a publicação *Augustus – O Legado Vampírico* (2023), sendo essas as quatro obras publicadas pela Editora Kimeria. De lá para cá não parou mais. Atualmente o escritor objetiva levar aos leitores a literatura de aventura pulp, na qual sua protagonista vive incríveis aventuras no Brasil e no mundo. A publicação *Rumo ao Inexplorado - O Tesouro Perdido da Amazônia* marca o início da realização de uma série de histórias com sua mais nova criação. Contar história é a sua vida, pois acredita que, por meio das palavras, desperta o interesse e toca os sentimentos de seus leitores.



**A**s lendas de cidades perdidas na Amazônia, a maior floresta tropical do mundo, têm atraído muitas expedições em busca de tesouros incalculáveis, edifícios feitos em ouro e civilizações intraterrenas. Beatriz Andrade é uma mulher determinada que nunca acreditou que a morte de seus pais fora acidental, mas seu amigo Giovanni tem uma pista que pode ajudá-la a descobrir a verdade. Embarcando em uma viagem eletrizante pela Amazônia em busca de um tesouro com um grupo de exploradores, Bia e Giggio vão atrás de artefatos em antigas ruínas. Lá se veem envolvidos em uma conspiração da época da Segunda Guerra e ainda lidam com situações de garimpo ilegal e povos indígenas isolados. Seriam as cidades perdidas realmente lendas ou uma verdade há muito escondida?

**KIMERA** 

ISBN 978-85-68883-74-7



9 788568 888374

[www.editorakimera.com](http://www.editorakimera.com)